



Nº 50 - OUTUBRO 2023

REVISTA

RECONEXÃO PERIFÉRIAS



FOTO: SERGIO SILVA

LIBERDADE RELIGIOSA É UM DIREITO DAS PERIFÉRIAS

**Nilza Valéria fala sobre
o crescimento da
cultura evangélica**

**Pastoral dos Negros:
unidade na fé para
combater o racismo**

AGENDA DE LUTAS OUTUBRO DE 2023



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores



Liberdade religiosa é um direito das periferias



FOTO: MARCELO CASAL JR/AGÊNCIA BRASIL

Outubro é o mês em que se realiza a maior festa religiosa no Brasil, o Círio de Nazaré, que reúne todo ano em Belém (PA) milhões de fiéis. E a **revista Reconexão Periferias** propõe uma reflexão sobre o direito à liberdade religiosa, dada a ampla diversidade de crenças e organizações existentes no país, que viu crescer assustadoramente

nos últimos anos a violência, o incentivo ao ódio e à intolerância.

O número de denúncias de intolerância religiosa no Brasil aumentou 106% em apenas um ano e passou de 583, em 2021, para 1,2 mil, em 2022, uma média de três por dia, de acordo com dados do Disque 100, serviço de disseminação

de informações sobre direitos de grupos vulneráveis e de denúncias de violações de direitos humanos. Isso demonstra que, embora a liberdade religiosa seja prevista no artigo 5º da Constituição Federal, na prática a ampla diversidade de religiões não tem sido respeitada no país e o Estado falha em seu dever proteger e garantir a livre

PROJETO RECONEXÃO PERIFÉRIAS ■ **DIRETOR RESPONSÁVEL** ARTUR HENRIQUE DA SILVA SANTOS ■ **COORDENADOR DO PROJETO** PAULO CÉSAR RAMOS ■ **EQUIPE** ISAÍAS DALLE, LÉA MARQUES, MATHEUS TANCREDO TOLEDO, RUAN BERNARDO, SOFIA TOLEDO, VICTÓRIA LUSTOSA BRAGA, VILMA BOKANY ■ **COLABORADORES** SOLANGE GONÇALVES LUCIANO ■ **EDIÇÃO E REVISÃO** ROSE SILVA ■ **PRODUÇÃO EDITORIAL** CAMILA ROMA ■ **PROJETO GRÁFICO** CACO BISOL ■ **DIRETORIA EXECUTIVA DA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO** PAULO OKAMOTTO (PRESIDENTE), VÍVIAN FARIAS (VICE-PRESIDENTA), DIRETORES: ALBERTO CANTALICE, ARTUR HENRIQUE, CARLOS HENRIQUE ÁRABE, ELEN COUTINHO, JORGE BITTAR, LUIZ CAETANO, NAIARA TORRES E VIRGÍLIO GUIMARÃES.

manifestação de todas elas.

Na *Entrevista*, a coordenadora da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito Nilza Valéria Zacarias analisa o crescimento da cultura evangélica nas periferias, em especial entre as pessoas negras, e o estigma enfrentado por elas diante do preconceito. “Eu crescendo muita gente do movimento negro dizendo que a adesão negra à fé evangélica seria aderir à fé do opressor. E, durante muitos anos, isso me incomodou profundamente. Até que um dia eu consegui, depois de muita leitura e muito diálogo com esses negros como eu, dentro das periferias, entender que se um dia foi a religião do opressor, não é mais. Agora é a religião do oprimido, porque os oprimidos fizeram essa escolha”, diz.

O *Perfil* apresenta o coletivo Agentes de Pastoral Negros do Brasil (APNs), que completou 40 anos de luta contra o racismo e por mais justiça social, com sua

tradição macroecumênica e inter-religiosa focada em diferentes comunidades de fé. O pesquisador Edgard Aparecido Moura, conhecido como Amaral, ingressou no grupo de base do Sapopemba-SP e é um dos fundadores do cursinho popular pré-vestibular para negros carentes em São Paulo. Também atua como coordenador da Comissão Nacional de Soberania e Segurança Alimentar dos APN's. “Nós discutíamos formação ecumênica pra entender que as religiões têm de estar juntas. Ecumenismo é partilha. A gente nasce para combater o racismo a partir da fé, que é o que une os católicos, evangélicos, benzedeiros, para trazer todo mundo junto com o mesmo foco. E assim nos unimos a partir da fé”.

O artigo da consultora do projeto Reconexão Periferias Léa Marques fala sobre a uberização da categoria docente. “Em 15 de outubro celebramos o Dia do Professor no Brasil, uma data propícia para refletirmos sobre as

atuais condições de trabalho da categoria, inclusive sobre como a uberização, enquanto tendência global no mercado de trabalho, se estende para esses profissionais da educação e quais os impactos dessa realidade.”

A seção de *Arte* apresenta a performer, musicista, compositora, arte-educadora, cocriadora e co-produtora do grupo musical Vozes Bugras Anabel Andrés. Ela lançou os álbuns Vozes Bugras e Folia. Em 2018, lançou três singles e, em 2020, o álbum solo digital Além da expansão dos desertos. Integra a equipe de São Paulo do Projeto Dandô – Circuito de Música Dércio Marques, e a Orquestra do Corpo, de percussão corporal e vocal, criada por Fernando Barba, com colaboração de Stenio Mendes.

A edição também traz as seções *Programa*, *Agenda* e *Oportunidades*.

Boa leitura! ■

A uberização da categoria docente

LÉA MARQUES

LÉA MARQUES É SOCIÓLOGA, MILITANTE FEMINISTA, CONSULTORA RESPONSÁVEL PELO EIXO DE TRABALHO DO PROJETO RECONEXÃO PERIFÉRIAS



FOTO: SÉRGIO SILVA

Em 15 de outubro celebramos o Dia do Professor no Brasil, uma data propícia para refletirmos sobre as atuais condições de trabalho da categoria, inclusive sobre como a “uberização”, enquanto tendência global no mercado de trabalho, se estende para esses profissionais da educação e quais os impactos dessa realidade.

Ao todo, cerca de 2,5 milhões de pessoas exercem a profissão no país, sendo a grande maioria, 2,2 milhões, na educação básica, e 323.376 no ensino superior (dados do Censo Escolar - Inep 2022). O piso salarial dos professores da rede

pública, em regime de 40 horas mensais, subiu para R\$4.420,55, em 2023, devido a um reajuste de 15% efetivado pelo governo Lula, em relação ao piso anterior. Contudo, para além dos salários, os profissionais da educação têm enfrentado, historicamente, desafios envol-

vendo também a falta de condições mínimas de estrutura nas escolas, tais como acesso a laboratórios e bibliotecas, assim como um processo de desvalorização social e até mesmo criminalização da profissão. Além disso, nem todos profissionais com formação para lecio-

nar encontram empregos na área.

Diante desse cenário, cada vez mais trabalhadores e trabalhadoras se submetem aos contratos precários, sem garantias trabalhistas e com intensas jornadas de trabalho, como forma de sobrevivência. São diversos tipos de contratação enquadradas nesses moldes, dentre elas um tipo muito crescente e que tem se alastrado nas diversas categorias profissionais: aquela vinculada a aplicativos digitais, tal como a Uber. A chamada “uberização” do mercado de trabalho é uma tendência mundial, especialmente no setor de serviços, e materializa a ideia de que o trabalhador/a tem de ir para o mercado de trabalho levando tudo, sendo responsável pela mercadoria que vai vender e pelo serviço que vai prestar. Trata-se de um novo passo de precarização, pelo qual as empresas desenvolvem mecanismos de transferência de custos e riscos não mais para empresas terceirizadas, mas para uma multidão de

trabalhadores autônomos disponíveis, retirando suas garantias trabalhistas mínimas e, ao mesmo tempo, consolidando a sua subordinação.

A “uberização” se apresenta como um caminho aparentemente rápido e fácil para conseguir algum tipo de remuneração, dizendo que há lugar para todos e que o trabalhador é gerenciador de si próprio (ele trabalha quando quer e da forma que ele quiser). No entanto, há uma empresa que faz a mediação do encontro entre aqueles que fornecem o serviço e aqueles que querem comprar, e que determina a porcentagem do valor a ser recebido pelo serviço, sem transparência e sem diálogo algum com representantes de trabalhadores/as. Na categoria docente, a uberização do trabalho vai ao encontro de um cenário histórico de desvalorização e de ataques advindos do modelo neoliberal, já se tornando realidade em aplicativos e plataformas em pleno funcionamento.

Uma dessas empresas, a

GetNinjas, apresenta-se em seu aplicativo como “o maior aplicativo para contratação de serviços na América Latina” e foi eleita pela Forbes Brasil em 2017 como uma das mais promissoras. Atua em todo o território nacional e reúne mais de 200 serviços em sua plataforma, incluindo o de professores/as. Mediante a pergunta “Qual serviço de Aulas está precisando?”, um cardápio de opções é apresentado com conteúdos que variam de artes, beleza, bem-estar e dança, concursos públicos, educação especial, ensino profissionalizante, ensino superior, escolares, reforço, idiomas e pré-vestibular. O orçamento é disponibilizado em no máximo 60 minutos, e toda a “contratação” do serviço é feita via aplicativo, podendo ser ofertadas aulas on-line ou até mesmo, presenciais e particulares.

Os docentes uberizados não têm vínculo trabalhista, portanto inexistem estabilidade no trabalho, assim como plano de carreira e direitos tra-

balhistas. Quanto à sua remuneração, o professor uberizado dependerá das horas efetivamente em aula (sem contabilizar as horas de preparo de aula, correção de exercícios, etc) com total imprevisibilidade quanto ao salário. Estes docentes precisam ainda arcar com as despesas fundamentais para sua atividade, tais como computador, internet de qualidade, livros e recursos didáticos. A avaliação desse profissional é feita pelos usuários, sem conhecimento por parte do professor, e, caso tal avaliação seja inferior às definidas pela plataforma da empresa, eles terão

seus serviços bloqueados e serão suspensos do aplicativo, sem direito mínimo ao contraditório.

Dessa forma, o trabalho do docente uberizado situa-se na condição mais precarizada e desvalorizada do professor no mercado de trabalho, com uma jornada indefinida e instável, na qual este precisará disponibilizar o seu tempo de forma integral, em cadastro na plataforma, onde estarão catalogados em listas de espera. São os professores e professoras em condições mais precárias de vida que já precisam se submeter a essa superex-

ploração do trabalho via aplicativos digitais.

Certamente, esse modelo de trabalho impacta diretamente na vida dos profissionais e no desenvolvimento de toda nossa sociedade. A educação precisa ser transformada em nosso país. Mas, não nessa direção. Pelo contrário. É preciso avançar na direção que assegure que esses profissionais tenham condições dignas de trabalho e que, em seu conjunto, tenham o reconhecimento social tão merecido pelas batalhas históricas que travam em prol da educação brasileira. ■



“Os negros estão cada vez mais se declarando evangélicos”

ISAÍAS DALLE



FOTO: MÍDIA NINJA

Jornalista, negra, militante de esquerda, feminista, mãe de um médico e de uma advogada. Desde a mais tenra infância frequenta a igreja Batista, época em que protestantes eram simplesmente chamados de “crentes”, termo que deu lugar à designação “evangélicos”. De lá para cá, esse público tornou-se parte significativa da população brasileira, algo em torno de 30%.

Na opinião da coordenadora da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito Nilza Valéria Zacarias, esse número deve ser maior. O que ela sabe, sem dúvidas, é de que a cultura evangélica já

permeia toda a sociedade, manifestando-se de diferentes maneiras. Inclusive, e talvez principalmente, na vida política.

A história de Nilza com a fé evangélica vem do século

19, quando sua avó, negra como ela, se converteu ao protestantismo, via Assembleia de Deus. Casada com um pastor, ela afirma que nunca viu descompasso entre a fé que herdou e os ideais de esquerda.

ENTREVISTA COM NILZA VALÉRIA ZACARIAS

O que vê, com frequência, é a incompreensão das demais pessoas quanto a essa convivência entre religião e política. Afirmo sofrer críticas de todos os lados, inclusive da esquerda. “Em relação à esquerda ser preconceituosa, é óbvio que eu sei. Eu sei, porque eu sinto isso na pele o tempo todo. Eu estou muito convencida de que uma parte da nossa esquerda representa a elite brasileira, a intelectualidade”. Enquanto isso, diz Nilza, “os negros estão cada vez mais se declarando evangélicos”. E as religiões de matriz africana, embranchendo.

Nesta entrevista, Nilza fala sobre os diálogos necessários e possíveis. E afirma: tratar os evangélicos como simples manipulados é um engano.

Acompanhe:

Como a fé dos seus pais te ajudou a adotar os valores progressistas de justiça social, igualdade, tolerância e até mesmo o feminismo, do qual você é uma expoente?

Eu já nasci evangélica. Minha mãe tem 83 anos, e foi a avó dela quem passou por um processo de conversão e assimilou a religião evangélica, que desde então, 1890, é a religião da minha família. Eu sou batista, sou casada e acho que é fundamental e necessário que eu diga que eu sou casada com um pastor batista e na minha família há um número significativo de pastores. A formação que eu tive nunca foi contraditória em relação à fé e os posicionamentos políticos. Eu venho de uma família que sempre entendeu que a justiça social, ou que ser de esquerda, tinha esse compromisso: de que viver bem não é algo individual. Viver bem é algo comunitário. Eu não tenho condição de viver bem se o outro não está vivendo bem.

Então eu venho dessa família que se constitui dessa forma. Família que sai do interior do Rio de Janeiro, migra para a capital. Meu avô trabalhou pesado para dar conta de criar os filhos. Mas a fé foi o que o impulsionou. E

aí a religiosidade cumpriu um papel fundamental na formação da minha mãe e dos irmãos dela, que conseguiram acessar a universidade no final dos anos 1960, início dos 1970, porque essa era uma questão muito cara para o meu avô. A leitura bíblica que ele fazia e a forma com que a comunidade religiosa estava estruturada impulsionava esse crescimento e a mobilidade social na vida dos fiéis. Minha mãe é educadora, professora de português e de literatura, funcionária pública, extremamente comprometida com o serviço público de qualidade, chegou à direção de escola e se filiou a um partido político dentro do campo que hoje se chama progressista. Uma tia, muito próxima, foi quem me deu esse letramento político. Ela é assistente social, professora também. E então a gente foi entendendo que não havia nenhuma contradição em desejar um mundo melhor e o Cristo que a gente seguia.

Essa identificação do povo negro brasileiro com

os valores evangélicos não é algo recente, ou é? Não, não é. Eu dei o exemplo da minha família, que passa por um processo de conversão. Uma família negra de uma região remanescente de quilombo no interior do Rio de Janeiro, que passa por um processo de conversão em 1890. Eu sempre fui batista, mas depois fui entender o que era Assembleia de Deus e o que ela representa dentro da nossa história. É uma religião essencialmente brasileira, criada em Belém do Pará, e que sempre teve essa adesão popular. Foi uma religião escolhida, de fato, pelos pretos e pobres. É muito injusto a gente reduzir a história dos evangélicos brasileiros a partir da igreja Universal, porque a gente tem muita história pra trás. Dessa região de onde meus avós migraram, outras pessoas negras que haviam aderido à fé evangélica migram também e se encontram depois na mesma cidade, em Duque de Caxias, região metropolitana do Rio.

Essa presença negra não é nova, ela adensou. E isso faz a gente ver a urgência

de fazer diálogos raciais que levem em consideração esse elemento. Porque é como se a gente embranquecesse as pessoas negras, só porque elas fizeram uma opção pela fé evangélica.

E esse é um alerta, é preciso ter um cuidado, um diálogo profundo sobre isso. E eu cresci vendo muita gente do movimento negro dizendo que a adesão negra à fé evangélica seria aderir à fé do opressor. E, durante muitos anos, isso me incomodou profundamente. Até que um dia eu consegui, depois de muita leitura e muito diálogo com esses negros como eu, dentro das periferias, entender que se um dia foi a religião do opressor, não é mais. Agora é a reli-

gião do oprimido, porque os oprimidos fizeram essa escolha.

E eu, que nasci nos anos 1970, quando os evangélicos somavam 3%, 5% da população, e estudava numa escola católica, entendo perfeitamente o que é ser atacada com crueldade, que é muito peculiar às crianças, porque você é diferente. Então, acho que a gente tem aí algumas missões para vencer esse discurso da intolerância, para vencer os intolerantes, inclusive recuperando a história dos evangélicos no Brasil.

Sobre essa questão de intolerância. Há alguns valores, que partem de uma interpretação estrita da Bíblia que, se adotadas como



APRESENTAÇÃO DO PPA. FOTO: PEDRO GONTIJO / AG. SENADO

verdades a obedecer, chocam-se com agendas defendidas pelas chamadas esquerdas. É possível construir um diálogo a partir de coisas irreconciliáveis como essas?

A primeira coisa que eu adicionaria é que não há nada irreconciliável. Obviamente que quem baliza todos os nossos posicionamentos é Jesus Cristo. Então, os evangélicos precisam entender isso. Eu acho que o processo de formação do evangélico brasileiro precisa ser revisto. E é óbvio que a gente sofreu muito influência americana, porque isso que nos constitui, muita influência europeia. Mas, estando presente no país há 130 anos, que é o tempo que a fé evangélica está aqui nas nossas terras, é urgente a gente pensar numa teologia, numa perspectiva de leitura dessa fé, a partir da nossa realidade. Eu defendo que nada de fato é irreconciliável, tudo é diálogo. Eu me permito entrar num tema já controverso, a questão do aborto, que é muito usada

como um tema que os religiosos se posicionam de forma contrária. Quando se observa o número de mulheres brasileiras que já fizeram aborto, se entra em uma pesquisa como essa, por exemplo, percebe-se que não é possível excluir as mulheres evangélicas daquele dado. É um problema de qualquer mulher que vive no Brasil, afeta também a evangélica. E a gente sabe que, por exemplo, para grupos espíritas, a questão do aborto é muito mais complexa do que na fé evangélica. Então, é como se esses temas fossem capturados pra divulgarem uma ideia, que para mim é eivada de preconceitos, de que nós, os evangélicos, seríamos as pessoas sempre manipuladas e sempre radicais em nossas posições. Eu volto ao resgate histórico de que falava antes: falar de Estado laico é falar da fé evangélica. Qual foi a uma das grandes bandeiras deixada pela Reforma Protestante? A laicidade do Estado. Que o Estado tinha um limite de interferência e que não deveria haver, obviamente-

te, mistura entre religião e Estado.

Religião e política se misturam?

A gente não mistura de fato religião e Estado, mas religião e política a gente mistura, porque isso tem a ver com a minha vida cotidiana. Então, a minha fé, ela não é a única coisa que me constitui. Eu sou jornalista, isso me constitui. Isso fala de mim um tanto de coisas. Eu sou uma mulher negra, isso fala de mim um outro tanto de coisas. Eu tenho dois filhos já muito bem-sucedidos, encaminhados, e isso fala de mim um tanto de outras coisas. E o time para qual eu torço, fala de mim um tanto de outras coisas. A música que eu escuto, fala. Então a gente não tem uma persona só.

É como se o evangélico, em si só, fosse uma identidade. É uma cultura muito forte e isso, eu admito, atravessa diversos aspectos da vida, mas não é o que constitui essencialmente uma identidade. Porque na hora que não tiver emprego, não

vai ter emprego para o evangélico, o católico, o umbandista e o cara do candomblé. Na hora que a fome bate na porta, é na porta de todo mundo.

Um fenômeno que leva ao olhar enviesado para esse grupo é que a maioria dos evangélicos, segundo as pesquisas, votou no candidato da extrema direita, Jair Bolsonaro. Como é que se explica isso?

Isso é difícil de explicar. É bem difícil de explicar. A gente precisa estudar muito esse fenômeno. Primeiro: a maior parte dos evangélicos brasileiros não está em igrejas denominacionais. Ainda que a Assembleia de Deus seja a igreja evangélica com maior número de fiéis do país, a soma de minúsculas igrejas independentes, a soma dos membros dessas inúmeras igrejas independentes, é maior do que o número de fiéis da Assembleia de Deus. Isso significa, para mim, essa presença territorial muito forte, uma convivência constante com quem está ali comigo, do meu lado, passando pelos mesmos

apertos, pelas mesmas agruras, pelas mesmas dificuldades, porque isso se dá no território.

A gente fez um trabalho muito intenso entre 2017 e 2018 na Cidade de Deus, com as igrejas evangélicas. O primeiro dado a chamar a atenção é que há 90 igrejas dentro da Cidade de Deus, algumas reúnem 15, 20 pessoas todo domingo, outras reúnem 100, 120 pessoas, que vivem em um contexto extremamente violento. Quando a gente chegou lá, foi por conta de uma chacina, que havia matado também o filho de um pastor da Assembleia de Deus. Então, nesse contexto de muita vulnerabilidade social, econômica, os relatos são muito iguais. Quem conhece a geografia do Rio sabe que dali, da Cidade de Deus, sai muita mão de obra pra Barra da Tijuca. É a mulher que vai ser empregada e depende do trânsito para poder voltar para a Cidade de Deus. E, se chegar atrasada - o filho dela precisa sair da creche às 5 horas da tarde - vai

recorrer à irmã da igreja, para que tire a criança da creche e seja cuidadora até que ela possa chegar em casa.

Eu lidei muito com pastores. A gente fazia um encontro mensal com eles na Cidade de Deus. “Aí, esse sábado o senhor vai?” E tinha pastor que respondia: “Não, nesse sábado não vou poder, eu sou gari, e esse é um sábado da minha escala, eu trabalho”. A dimensão territorial, comunitária, é para o bem e para o mal. Essa troca com pessoas que se importam tanto com a vida do outro, a ponto de uma pessoa que se converte às vezes com 30 anos de idade ter o primeiro aniversário com bolo e parabéns na igreja. Essa é uma prática que a igreja sempre adotou. Eu estou tentando explicar que essa aproximação tem um custo.

Há também o elemento das questões morais. A gente não quer reconhecer que o Brasil é um país conservador, porque faz brigas, obviamente, por todas as liberdades indivi-

duais, mas não consegue ainda fazer essa disputa na base. Não conseguimos sentar com as pessoas da forma que é preciso, tratá-las com igualdade e explicar como se dá o respeito à diversidade, a uma série de questões que devem ser dialogadas.

Há uns 40, 50 anos, quase todo brasileiro era católico, ainda que não fosse à igreja. Era muito comum usar a expressão católico não praticante. Um pouco disso está acontecendo entre os evangélicos? E você dizia do surgimento de cada vez mais igrejas independentes. Podemos estar caminhando para uma nova conformação ou para um cisma na igreja evangélica?

São perguntas difíceis. Uma prerrogativa da fé evangélica, quando ainda não tinha peso político – e eu acho que essa é a grande diferença, agora essas pessoas fazem parte do jogo político, são consideradas politicamente – era o pertencimento. Não era possível imaginar um evangélico não praticante, porque a teologia evan-

gélica se dá em torno da construção da comunhão de fato. Ser igreja, para o evangélico, significa que eu vou compartilhar do mesmo espaço do outro. À medida que a gente vai crescendo e modulando essa fé, tem ali um ponto, em 2013, em que o debate político inflama as igrejas. A gente começa a ver a figura do cara que quer manter a fé e romper com a igreja. Então já existia esse fenômeno.

Se os católicos eram chamados de católicos não praticantes, no mundo evangélico são os ditos desigrejados, é aquela pessoa que gosta de ser crente, que reconhece a base do princípio cristão, mas não quer saber da igreja, às vezes por uma questão moral mesmo. Fica à margem do movimento da Igreja, mas com identidade, mantendo parte dela.

Eu tenho defendido esse tempo todo o quanto a cultura evangélica já permeia a base da sociedade, não só entre irmãos. É comum entrar em uma loja e de repente ser tratada por “amada”,

“abençoado”, “homem de Deus”, “mulher de Deus”. Mesmo com o vínculo com a igreja já rarefeito, se mantém parte dessa cultura. Esse senso religioso me surpreende quando eu ouço jogadores de futebol atribuindo a vitória para a glória de Deus, ou dizendo “a nossa fé em Jesus Cristo fez com que a gente ganhasse esse jogo”.

O que eu acho é que o mercado é muito mais atento do que o nosso campo da esquerda para perceber esses movimentos. Existe hoje um desses portais de apostas que, em vez de chamar a apostar, faz propaganda assim: “Profetize!” Eu tenho de admitir a genialidade do profissional de comunicação que cria isso, pois entendeu exatamente que falar de aposta pra essa juventude evangélica vai bater no lugar moral, nessa relação do trabalho, que não se pode ter o dinheiro fácil, que o salário é fruto do suor. A propaganda tira desse lugar. E aí quando ela diz “profetize”, que é uma expressão comum dentro do pente-

costalismo e neopentecostalismo brasileiro, o cara escuta associando a um lugar de fé.

É essa dimensão da cultura que a gente não está entendendo, e que faz, sim, com que o candidato da extrema direita tenha sido mais votado do que um comprometido com o campo democrático.

Não se pode desprezar a capacidade que o mercado tem de conduzir esse jogo e estão conduzindo de forma muito hábil. E aí sobra para a gente, para a esquerda, rotular todos os evangélicos como pessoas de baixa capacidade ou comprometidas com projeto de poder nefasto.

Vimos muito dessa discussão nas eleições dos Conselhos Tutelares, quando ninguém do nosso campo está dentro da comunidade e a pauta da criança e do adolescente foi esquecida. As igrejas estão elegendo conselheiros tutelares há 20 anos.

Há amplos setores da igreja que, interpretando a Bíblia de uma forma estrita, dizem,

por exemplo, que a homossexualidade é um pecado e, portanto, punível. Ou então, outra questão sensível: “maridos, amai vossas mulheres, mas mulheres, sejais obedientes a vossos maridos”. E esses valores se disputam em eleições, como por exemplo, de conselhos tutelares. Como você imagina que a esquerda pode se articular para fazer essa disputa? É na base de um conflito aberto ou na base do diálogo?

Primeiro vou dizer que é na base do diálogo, nunca na base da guerra. Guerra não serve pra nada, a não ser para matarmos uns aos outros. E eu temo que a gente já esteja se matando. Segundo, dizer que algo é pecado é uma prerrogativa do que é religioso. A gente não pode legislar sobre a religião, sobre o conceito de pecado. O que a gente deve insistir é sobre o conceito de direito. Então eu não posso impedir que uma pessoa pense que é pecado e viva a vida dela acreditando nisso. O que essa pessoa não pode é



FOTO: EDILSON RODRIGUES / AG. SENADO

ofender o direito. Mas eu não posso legislar sobre princípios religiosos. Por isso que, diferente do que você falou, eu acredito sim que é conciliável. O que vai unificar a gente é a defesa do direito.

Essa mãe religiosa precisa entender que se o filho dela faz essa opção pela homossexualidade, ela pode até se entristecer por ele não compartilhar do mesmo sentimento religioso, mas tem de ser defensora desse direito.

No segundo ponto, citando o texto bíblico, você fez uma inversão da ordem. O texto bíblico começa com “esposas, sejam

obedientes ou submissas a seus maridos. Maridos, amai as suas esposas como Cristo amou a igreja e por ela se entregou”. Primeiro, só acredita no texto quem é religioso. Mas isso não determina política pública nenhuma. Eu não posso tirar nenhuma política pública, nenhuma regra para a sociedade a partir disso. Mas eu, que sempre li esse texto, desde criança, esse texto que minha vó leu, que a minha bisavó, que se converteu, leu, esse texto que minha mãe leu... E minha mãe foi a mulher que foi à luta, foi pra universidade, trabalhava em condições de igualdade com o meu pai, porque para mim, interpretação religiosa desse texto, na minha leitura bíblica, o que ele propõe é uma relação de igualdade.

Reafirmo que é uma posição religiosa e não é contraditória com o feminismo, porque quem faz a leitura completa do texto e acredita nele vai encontrar empoderamento. Foi isso que minha bisavó, minha avó, minha mãe encontraram. E foi isso que eu encontrei. Eu

sou assumidamente uma defensora do feminismo, me entendo como feminista desde os 11 anos de idade, faço essa luta, que diz respeito à garantia de uma vida melhor e digna para todas as mulheres, com igualdade de direitos, com participação na vida pública, com o direito basilar a ter de deixar o filho para ir trabalhar. E o nosso feminismo tem de dar conta disso.

Aí eu vou falar de fundamentalismo. Nem todo evangélico é fundamentalista. O fundamentalismo representa uma parcela desse grupo. É que a gente confunde conservadorismo e ortodoxia com fundamentalismo e a esquerda também precisa fazer essa separação. Muitas vezes eu sinto uma pressão absurda sobre o campo evangélico, como se tivesse de responder a partir do posicionamento do outro. Então eu vou defender sempre que o que é religioso seja resolvido dentro do campo religioso. E que os religiosos, como eu, sejam chamados para discussão de direitos. E aí é neces-

sário que toda a nação compreenda que o direito é uma prerrogativa dada pela Constituição, que as nossas liberdades não estão em jogo.

É óbvio que essa mãe evangélica cujo filho que se declara LGBTQIA+, tenho certeza que tudo que ela não quer é que o seu filho morra. Ela pode até ficar incomodada, mas ela não quer o filho morto. Então a gente precisa de fato se desarmar e deixar o que é religioso no campo da religião.

Nilza, na esquerda há mais facilidade para as pessoas assumirem sua religiosidade de matriz africana ou receber essa religiosidade que vem do outro. Enquanto eu acho que se alguém, num local de esquerda, falar que é protestante ou evangélico, causa espanto.

Primeiro, há a fé cristã. Ela tem a sua origem na África e acho que a gente explora muito pouco isso. Então a gente está falando de uma fé que sai do mesmo lugar e houve sempre o interesse de nos dividir.



FOTO: ACERVO PESSOAL

Porque isso faz parte desse conceito macro da luta de classes. Em relação à esquerda ser preconceituosa, é óbvio que eu sei. Eu sei, porque eu sinto isso na pele o tempo todo. Eu estou muito convencida de que uma parte da nossa esquerda representa a elite brasileira, a intelectualidade. E há um preconceito sim, com pretos, com pobres. Não tenho como desassociar. Lembrando que esses pretos e esses pobres, eles abandonaram as religiões de matriz africana, ou estão abandonando, porque hoje as religiões de matriz africana estão mais embranquecidas do que eram nas décadas de 1960 e 1970. Elas estão embranquecendo. Os ne-

gros estão cada vez mais se declarando evangélicos. Então eu acho que passa por esse preconceito e porque a gente tem uma necessidade gigante de responsabilizar as pessoas, achar culpados.

Falhamos miseravelmente no campo da esquerda nos últimos anos porque abandonamos a base. Porque achamos muito mais cômodo fazer o debate dentro da academia ou em rodas, dentro dos nossos institutos, dentro das nossas raízes, dentro do nosso domínio, onde eu vou trazer as referências que são pessoas que estudam sobre isso, que foram na comunidade, estudaram, mas eu não trago efetivamente o cara da comunidade pra dentro

dessa conversa e muito menos a comunidade pra fazer essa conversa.

Eu acho que é um chamado de que a gente pense em como chegar nessas bases, das quais se afastou. E pior do que se afastar é desqualificar. Como é que eu digo pra uma pessoa que acha consolo, conforto e pertencimento dentro de uma comunidade evangélica que ela não é dona da decisão dela? Que ela só tomou essa decisão porque ela foi manipulada? Há uma crueldade muito grande, um preconceito muito grande com nosso discurso. A gente precisa resolver porque isso é ofensivo. E toda vez que se faz com que esse povo se sinta ofendido, o afasta ainda mais. Esse tem sido o meu grito constante.

É preciso entender que as pessoas estão indo para lá e a gente não vai mais conseguir dizer que aquele lugar não presta, porque elas continuam indo. ■

Agentes de Pastoral Negros completam 40 anos de luta antirracista no Brasil

ROSE SILVA



FOTO: DIVULGAÇÃO

Os Agentes de Pastoral Negros do Brasil (APNs) completaram 40 anos de luta contra o racismo e por justiça social, com sua tradição macroecumênica e inter-religiosa focada em diferentes comunidades de fé.

Fundada em 13 de março de 1983, os pontos mais marcantes na história da instituição foram as contribuições na redemocratização

do país, após o fim da ditadura militar, o despertar da identidade afro nas igrejas cristãs, a formação sociopolítica do povo negro, além da

articulação e participação de todos os grandes momentos de luta e manifestação do movimento negro no Brasil.

Os APN's sempre lutaram por justiça social e para ampliar a participação de pessoas no processo de superação da marginalização socio-cultural e econômica da população negra, além de assessorá-la em questões que envolvem discriminação de raça, de etnia e de religião.

O pesquisador Edgard Aparecido Moura, conhecido como Amaral, ingressou no coletivo no grupo de base do Sapopemba-SP e é um dos fundadores do cursinho popular pré-vestibular para negros carentes em São Paulo. Também atua como coordenador da Comissão Nacional de Soberania e Segurança Alimentar dos Agentes. "Os APN's nascem de uma construção de pes-



OS APNS PARTICIPANDO DA PLENÁRIA NACIONAL DOS MOVIMENTOS SOCIAIS E SINDICAL NA UNB EM BRASÍLIA, COM OBJETIVO DE RETOMAR PAUTA DE LUTA UNIFICADA E DE DIÁLOGOS. FOTO: REPRODUÇÃO REDES SOCIAIS

soas católicas e não católicas, mas com grande influência católica. Nos anos 1980, nós, negros, queríamos ver o evangelho nos representando. Então, falávamos: ‘como é o rosto negro de Deus dentro desse evangelho que representa a população negra?’ Ali nasceu uma organização que

debatia o evangelho a partir do olhar negro e olhando para a África, fazendo resistência através da cultura, da fé e da política”, lembra.

“Discutimos formação ecumênica pra entender que as religiões têm de estar juntas. Ecumenismo é partilha. A gente

nasce para combater o racismo a partir da fé, que é o que une os católicos, evangélicos, benzedeiros, para trazer todo mundo junto, com foco antirracista. E nos unimos a partir da fé”.

Amaral conta que os APN’s se organizaram nos anos 1980 como mocambos municipais e estaduais em todo o Brasil. Em São Paulo, quem fundou foi o padre Toninho, da paróquia Nossa Senhora Achiropita, localizada no Bixiga, e o padre Batista, que cuidava das crianças pobres que ficavam no chafariz da Sé. Na época, elas eram hostilizadas





JUVENTUDE APNS EM VISITA AO MUSEU AFRO BRASIL NA CAPITAL PAULISTA, NO PARQUE IBIRAPUERA, ZUMBI COMANDANTE DURANTE O ENCONTRO NACIONAL OCORRIDO EM SÃO PAULO NO ÚLTIMO FIM DE SEMANA. FOTO: REPRODUÇÃO REDES SOCIAIS

pelo comércio local.

“Nascemos na Igreja da Boa Morte, do lado da Rua do Carmo, que é muito simbólica porque nos anos 1600/1700, os escravizados que iam ser castigados passavam por ali para serem benzidos antes do enforcamento. Ali era a sede do quilombo central dos APN’s, e cada estado tinha seu mocambo”, lembra Amaral.

Um foco importante da luta dos coletivo desde seu surgimento é a questão da criança adolescente, mesmo antes de haver o Estatuto da Criança e do Adolescente. Os APN’s trabalhavam dentro da Pastoral do Menor,

levando a luta antirracista com foco nas crianças negras. “Nos anos 1990, os APN’s compreenderam que tinha de ir além dos muros da igreja, por

isso, em seu estatuto, ficou especificado que não seria mais necessário ser padre para ocupar a presidência, pois somos uma entidade do movimento negro”, explica.

Amaral relata que já trabalhava com quilombos desde 1988 em 2010 passou a ser do Conselho Nacional de Segurança Alimentar. “Minha militância hoje é focada na luta contra a fome, o racismo e o combate ao genocídio, do qual a fome é um dos pontos determinantes”, diz. ■

PARA CONHECER MAIS: @agentespastoralnegros



MULHERES APNS PARTICIPAM DA IX MARCHA DAS MULHERES NEGRAS EM COPACABANA, NA CAPITAL FLUMINENSE, EM JULHO DE 2023. FOTO: REPRODUÇÃO REDES SOCIAIS

Luta por cidadania e combate às desigualdades nas periferias

Desde o início de 2020 o Projeto Reconexão Periferias realiza programas para discutir os temas mais diversos relacionados às periferias, sempre dialogando com organizações, coletivos, movimentos sociais,

ativistas e militantes de todo o país. Durante o mês de setembro de 2023, foram realizados programas com temáticas associadas à última edição da Revista Reconexão Periferias, “Saúde mental: preconceito e desigualda-

des adoecem as periferias” (edição de setembro).

Os encontros ocorreram quinzenalmente, sempre às terças-feiras às 17h, horário de Brasília, no canal do [youtube da FPA](#) e na [página do Facebook](#)

Confira os programas de setembro e acesse o canal da Fundação Perseu Abramo para assistir:

05/09/2023 - Instituto apoia desenvolvimento socioambiental de comunidades tradicionais - com Patrícia Reis

19/09/2023 - Os desafios da construção de uma política de segurança pública com cidadania - com Tamires Sampaio

ENTREVISTA 05 DE SETEMBRO - 17H

INSTITUTO APOIA-DESENVOLVIMENTO SOCIOAMBIENTAL DE COMUNIDADES TRADICIONAIS

PATRICIA REIS
Fundadora e presidenta do Instituto Nova Amazônia

ACOMPANHE: [FundacaoPerseuAbramo](#)

FUNDAÇÃO Perseu Abramo
Fundo dos Trabalhadores

ENTREVISTA 19 DE SETEMBRO - 17H

OS DESAFIOS DA CONSTRUÇÃO DE UMA POLÍTICA DE SEGURANÇA PÚBLICA COM CIDADANIA

TAMIRES SAMPAIO
Advogada, mestra em direito e assessora especial do Ministério da Justiça

ACOMPANHE: [FundacaoPerseuAbramo](#)

FUNDAÇÃO Perseu Abramo
Fundo dos Trabalhadores

Anabel Andrés



Performer, musicista, compositora, arte-educadora, cocriadora e co-produtora do grupo musical *Vozes Bugras*. Lançou os álbuns *Vozes Bugras* e *Folia*. Em 2018, lançou três singles e, em 2020, o álbum solo digital *Além da expansão dos desertos*. Integra a equipe de São Paulo do Projeto

Dandô – Circuito de Música Dércio Marques, e a Orquestra do Corpo, de percussão corporal e vocal, criada por Fernando Barba, com colaboração de Stenio Mendes.

Criou com Priscila Magella o projeto *Duas Beiras*: das barrancas do S. Francisco às margens

do Rio Pinheiros. Integra o grupo *Macaia*, dirigido por Zé Márcio Kaipira Urbano. Participou da *Orquestra Orgânica* de Stênio Mendes e foi co-fundadora do *Núcleo Orgânico Performático* de música espontânea. Apresenta com o cantor pesquisador Eliezer Teixeira o programa *Prosa e Cantoria* pela web rádio www.casileoca.com

Participou de álbuns de *Barbatuques*, *Daniela Lalsalvia*, *Ully Costa*, *Katya Teixeira* e *Luiz Salgado*, *Eliezer Teixeira*, *Kaipira Urbano* e *Mac Donny's & Bram Band*. ■

CONTATOS E MÍDIA:

Whatsapp +55 11
983774659

[www.instagram.com/
anelica](http://www.instagram.com/anelica)

[www.anelica.
blogspot.com](http://www.anelica.blogspot.com)

[www.youtube.com/
anelica](http://www.youtube.com/anelica)

[www.facebook.com/
anelandrescouto](http://www.facebook.com/anelandrescouto)

[https://www.instagram.
com/invites/contact](https://www.instagram.com/invites/contact)



Programa Quinzenal Reconexão

Periferias Terça- feira, às 17h (horário de Brasília). No canal da Fundação Perseu Abramo: www.youtube.com/FundacaoPerseuAbramo

Programa Voz da Mulher

produzido pela Associação Mulheres na Comunicação - Rádio Web Mulheres na Comunicação www.mulheresnacomunicacao.com/ Aos sábados, às 8h, retransmitido de segunda a sexta-feira: 6h, 13h, 19h e 23h. O programa está disponível no Spotify, Google Podcasts, Apple Podcasts e Anchor, no canal "Mulheres na Comunicação"

Rádio Mixtura

Toda quarta-feira, a cada 15 dias [Na plataforma dos Jornalistas Livres e da Radio Mixtura](#)

Espectáculo: "Exu não vem hoje", com Coletivo Farol Novo

Data: de 06 a 15/10/2023, às 19h
Onde: Teatro B. de Paiva - Rua Boris, 90 - Fortaleza, CE
Ingressos: A partir de R\$ 10,00
[Informações aqui](#)

Projeto Afro Escola

Data: de 16/10 a 18/11, das 13h30 às 15h00

Onde: Escola Municipal Professora Maria da Conceição Monteiro de Resende - Rua Sebastião Ferreira Lacerda, s/n - Eldorado - Leopoldina, MG

II Mostra de Saúde, Meio Ambiente e Segurança Alimentar: "Sustentabilidade e sistemas alimentares saudáveis"

Data: de 17 a 19/10, das 8h às 18h
Onde: Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Maranhão, Campus Barreirinhas - Rodovia MA-225, Km 04 - Povoado Santa Cruz - Barreirinhas, MA. Inscrição: Gratuita
[Informações aqui](#)

X Semana de Ciência e Tecnologia do ICE

Data: de 17 a 20/10, das 14h até às 20h
Onde: Instituto de Ciências Exatas - ICE - Universidade Federal do Amazonas - Av. Octávio Hamilton Botelho Mourão - Coroado - Manaus, AM
Ingressos: Gratuito. [Informações aqui](#)

2º Simpósio de Saúde mental e Políticas Públicas

Data: 19 e 20/10, das 13h às 22h
Onde: Av. Cap. Olinto Mancini, 1662 - Jardim Primavera - Três Lagoas, MS
[Informações aqui](#)

I CONEA - Congresso de Educação Ambiental: Vozes do Oeste da Bahia

Data: de 24 a 26/10, das 8h às 22h
Onde: Universidade do Estado da Bahia - Campus IX - Barreiras - BR-242, KM 04 s/n - Flamengo, BA
Ingressos: Gratuito. [Informações aqui](#)

I Encontro dos Conselhos de Alimentação Escolar da Região Norte

Data: 25 e 26/10, das 8h às 13h
Onde: Sebrae - Avenida Ernestino Borges - 740 - Julião Ramos - Macapá, AP. [Informações aqui](#)

Slam da Guilhermina

Data: 27/10, às 19h
Onde: Praça Anexa - Estação Guilhermina Esperança - São Paulo, SP.

Sarau dos Pretos Novos

Data: 27/10
Onde: Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos - Rua Pedro Ernesto, 32, 32/34, Térreo - Gamboa - Rio de Janeiro, RJ. [Informações aqui](#)

Conferência: Representatividade Negra no Mundo Corporativo

22/8, das 18h30 às 21h
Rua Gervásio Pires, 826 Santo Amaro - Recife, PE. [Informações aqui](#)

Querem Nos Enterrar, Mas Somos Sementes - Peça Teatral

Data: de 27 a 29/10
Onde: Centro Cultural São Paulo - Rua Vergueiro, 1000 - Liberdade - São Paulo, SP. [Informações aqui](#)

Feira do Livro de Brasília - Felib

Data: de 3 a 12/11
Onde: Parque da Cidade Sarah Kubitschek - SRPS Asa Sul - Brasília, DF. [Informações aqui](#)

XII Seminário de pesquisa do mestrado em Artes Visuais - Desfronteiras: o encontro das artes nas encruzilhadas

Data: de 6 a 10/11, das 9h às 18h
Onde: Universidade Federal de Pelotas - Centro de Artes - Bloco 1 - R. Cel. Alberto Rosa, 62 - Centro - Pelotas, RS [Informações aqui](#)

II Semana da Consciência Negra BANTU: Celebrando Identidade e Cultura

Data: de 14 a 16/11
Onde: Teatro Gregório de Mattos - Praça Castro Alves, s/n - Centro - Salvador, BA
Ingressos a partir de R\$17,50. [Informações aqui](#)

OPORTUNIDADES OUTUBRO

Edital	Foco	Prazo	Link
Hangar Mulheres, a revolução do empreendedorismo feminino	O Parque Tecnológico Itaipu acredita que o empreendedorismo feminino é a chave para impulsionar o desenvolvimento social e econômico no Brasil e, por isso, nos juntamos ao Ministério das Mulheres e a Itaipu Binacional para uma parceria que busca transformar vidas e capacitar mulheres que irão se conectar a um dos melhores ecossistema de inovação do País para empreender e impactar.	Até 5 de dezembro de 2023	https://www.pti.org.br/hangarmulheres/
Lei Paulo Gustavo, Amazonas	A Lei Paulo Gustavo é fruto da articulação de artistas, parlamentares e gestores de cultura, em resposta à pandemia da Covid-19, e vai destinar recursos para ações emergenciais à cultura. Os investimentos a serem alocados no setor têm como principal objetivo a retomada das atividades artísticas e culturais após dois anos de paralisação. A elaboração dos editais da Lei Paulo Gustavo, no Amazonas, foi resultado de um processo colaborativo e participativo. Ao todo, foram realizadas mais de 20 reuniões setoriais com a classe artística, nas quais o Conselho de Cultura desempenhou um papel fundamental como mediador, em conjunto com o Governo. A classe artística demonstrou grande envolvimento e contribuição para o sucesso desta etapa.	Até 16 de outubro de 2023	https://cultura.am.gov.br/editais/-lei-paulo-gustavo/
Edital de licenciamento e exibição para conteúdos Audiovisuais	Constitui objeto deste edital o apoio ao licenciamento de produções audiovisuais paraenses para a realização de cessão dos direitos de exibição à FUNDAÇÃO PARAENSE DE RADIODIFUSÃO (TV CULTURA DO PARÁ).	Até 31 de agosto de 2023	https://prosas.com.br/editais/13077-desafio-saneamento-do-futuro-rios-sem-plasticos

OPORTUNIDADES OUTUBRO

<p>Bolsa Funarte de Mobilidade Artística 2023</p>	<p>A BOLSA FUNARTE DE MOBILIDADE ARTÍSTICA 2023 pretende promover no território nacional e no exterior a circulação das artes brasileiras e ações de formação e intercâmbio artístico, por meio do apoio financeiro para o custeio de despesas de hospedagem, alimentação e transporte de agentes dos segmentos das ARTES VISUAIS, CIRCO, DANÇA, MÚSICA, TEATRO E ARTES INTEGRADAS, bem como suas obras.</p>	<p>Até 22 de outubro de 2023</p>	<p>https://www.secult.pa.gov.br/midias/anexos/77_edital-funtelpa-lpg-2.pdf</p>
<p>EDITAL DE FOMENTO AO AUDIOVISUAL – LEI PAULO GUSTAVO - APOIO ÀS SALAS DE CINEMA</p>	<p>O objeto deste Edital é a seleção de 16 (dezesseis) projetos culturais de Audiovisual, para receberem recursos financeiros como forma de incentivo na categoria para apoio às Salas de Cinema, por meio da celebração de Termo de Execução Cultural</p>	<p>Até 23 de Outubro de 2023</p>	<p>https://www.secult.pa.gov.br/midias/anexos/75_edital-lpg-salas-de-cinema-2.pdf</p>
<p>Edital Artes, Tocantins</p>	<p>O Edital de Artes do Tocantins de 2023 é uma ação do Governo do Estado de Tocantins, por meio da Secretaria da Cultura - SECULT-TO, com o propósito de promover acesso aos recursos da lei Complementar n 195, Lei Paulo Gustavo (LPG) de 08 de Julho de 2022, e fomentar iniciativas artísticas a serem realizadas por fazedores de arte e cultura de todas as regiões do Estado, impulsionando a democratização e a descentralização do acesso aos recursos da referida Lei.</p>	<p>Até 29 de outubro de 2023</p>	<p>https://www.to.gov.br/secult/lei-paulo-gustavo/22fq6q-z8limh</p>

OPORTUNIDADES OUTUBRO

<p>Festival Afro Minuto – FlinkSampa – Vida e carreira de Glória Maria</p>	<p>O concurso tem como finalidade estimular estudantes das redes pública e particular a promoverem o reconhecimento, valorização e respeito à diversidade étnico-racial brasileira. Sendo oferecida as premiações vão desde certificados de participação, aparelho kindle por estudante da equipe e livros de literatura afrobrasileira da Editora Unipalmars e/ou de Editoras parceiras.</p>	<p>Até 18 de outubro de 2023</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/13960-festival-afro-minuto-flinksampa-vida-e-carreira-de-gloria-maria</p>
<p>Apoio às bibliotecas comunitárias e espaços de literatura</p>	<p>Seleção de propostas de caráter cultural para concessão de apoio financeiro para Bibliotecas Comunitárias e Espaços de Leitura. Categorias: Bibliotecas Comunitárias e Espaços de Leitura.</p>	<p>Até 25 de outubro de 2023</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/14141-apoio-as-bibliotecas-comunitarias-e-espacos-de-leitura</p>
<p>Prêmio de Cultura Viva Bahia 2023</p>	<p>Seleção e premiação em reconhecimento de Pontos e Pontões de Cultura que tenham prestado relevante contribuição ao desenvolvimento artístico ou cultural do Estado da Bahia. A presente seleção pretende selecionar 92 (noventa e duas) propostas de ações de cidadania cultural de Pontos ou Pontões de Cultura do estado da Bahia, no valor individual de R\$ 25.000,00 (vinte e cinco mil reais).</p>	<p>Até 25 de outubro de 2023</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/14144-premio-cultura-viva-bahia-2023</p>

OPORTUNIDADES OUTUBRO

<p>Elas Avancam: Ambientes Prósperos para o Protagonismo Feminino</p>	<p>Buscamos projetos que promovam atividades, ações de capacitação e formação profissional, qualificação em tecnologia e/ou desenvolvimento de habilidades e competências que fortaleçam as mulheres e promovam a equidade de gênero. Projetos que contribuam, de forma direta ou indireta, para a construção de um ambiente fértil para o protagonismo feminino por meio de ações como o desenvolvimento de lideranças, o combate ao machismo, atividades no contraturno escolar para crianças, a promoção da saúde e bem-estar, o combate à discriminação e violência de gênero, etc.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/9048-elas-avancam-ambientes-prosperos-para-o-protagonismo-feminino</p>
<p>Programa de Aceleração de ONGs</p>	<p>A Phomenta, aceleradora de ONGs, está com a pré-inscrição aberta para os seus programas de aceleração. Organizações da Sociedade Civil de qualquer parte do país podem se inscrever e receber em primeira mão as informações quando cada programa abrir inscrições. Os programas de aceleração visam transformar a gestão da organização em um curto espaço de tempo, entre 5 e 7 meses, com ferramentas práticas e conteúdos dinâmicos. São apresentados temas diversos como captação de recursos, priorização, identificação e resolução de problemas, inovação, empreendedorismo e como conseguir parceiros.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/6486-programa-de-acelera-cao-de-ongs</p>



F U N D A Ç Ã O
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores



WWW.FPABRAMO.ORG.BR